

LEONARDO BOFF E JOÃO CALVINO: DIFERENTES PERSPECTIVAS CONCERNENTES À SANTÍSSIMA TRINDADE

Daniel Leite Guanaes de Miranda¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo comparar o pensamento de dois teólogos, João Calvino e Leonardo Boff, acerca da doutrina da Trindade. Tendo sido formados por escolas diferentes e havendo um abismo de quase cinco séculos entre os dois, é considerável que tais pensadores apresentem concepções distintas acerca deste assunto. Neste trabalho, o autor tem como objetivo mostrar a supremacia do pensamento do reformador em relação à romântica visão apresentada pelo teólogo brasileiro no que concerne à misteriosa verdade do Deus Triúno. Enquanto este procurou, no contexto em que vive, a chave para a compreensão deste mistério, aquele recorreu às Escrituras para conhecer parte desta inefável verdade bíblica.

PALAVRAS-CHAVE

Trindade; João Calvino; Leonardo Boff; Doutrina.

ABSTRACT

The goal of this article is to compare the thought of two theologians, John Calvin and Leonardo Boff, concerning the doctrine of the Trinity. Having been formed from different schools and yet the existence of an abyss of almost five centuries between the two, it is understandable that these thinkers have distinct conceptions of the subject. Nevertheless, in this work, the author shows the supremacy of the Reformer's thought in relation to the romantic view presented by the Brazilian theologian regarding the mysterious truth of the triune God. While the latter looked for the key to understand this mystery in his social context, the former turned only to the Scriptures to know part of this ineffable Biblical truth.

KEYWORDS

Trinity; John Calvin; Leonardo Boff; Doctrine.

¹ Pastor Presbiteriano, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Escola de Pastores e em psicologia pela UNESA; mestrando em teologia pelo CPAJ - Mackenzie e professor da Escola Teológica Reformada, no Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo averiguar as semelhanças e diferenças entre o pensamento de dois teólogos, concernentes à doutrina da Trindade; a saber, João Calvino e Leonardo Boff.

Tendo sido considerado por muitos ² como o grande teólogo da Reforma Protestante no século dezesseis, João Calvino tem, com seus escritos, influenciado, desde os seus dias, o pensamento de muitos teólogos. Sua fluência e capacidade de sistematizar as verdades bíblicas o projetaram e fizeram de seus escritos leitura obrigatória para os estudantes da Teologia Protestante.

Leonardo Boff, ³ diferente de Calvino, é um teólogo da Escola Católica Romana. Nascido no século XX, em um país marcado pela opressão e desigualdade social, como é o Brasil, Boff encontrou na Teologia da Libertação ⁴ o prisma sob o qual reconsideraria suas opiniões teológicas.

Infere-se, das pequenas considerações feitas acima a respeito dos teólogos pesquisados, que as opiniões teológicas acerca das verdades cristãs apresentadas por ambos divergem em muitos aspectos, visto que grande parte dos pressupostos dos mesmos é diferente.

Cabe ressaltar ainda que, tendo em vista o fato de que este trabalho se propõe a analisar, no pensamento dos dois, uma doutrina como a misteriosa Trindade, qualquer tentativa de esgotar o conhecimento a respeito do assunto tornar-se-á inútil.

²“Sem dúvida, o mais importante sistematizador da teologia protestante do século XVI foi João Calvino”. Gonzáles, justo. Uma história ilustrada do Cristianismo Vol. 6. a Era dos Reformadores. 2003, p. 107

“Não há necessidade de desculpas que justifiquem a tentativa de um outro estudo sobre a vida e época de João Calvino. As questões religiosas, sociais, econômicas e culturais que se concentram em torno deste extraordinário indivíduo permanecem profundas e inesgotáveis... A originalidade, o poder e a influência das idéias religiosas de Calvino nos impedem de nos referirmos a ele meramente como um ‘teólogo’”. Mc Grath, Alister. A vida de João Calvino. 2004, pp. 11,12.

“Calvino é uma catarata, uma floresta primitiva, um poder demoníaco, algo vindo diretamente do Himalaia, absolutamente chinês, estranho, mitológico; perco completamente o meio, as ventosas, mesmo para assimilar esse fenômeno, sem falar para apresentá-lo satisfatoriamente. O que recebo é apenas um pequeno e tênue jorro e o que posso dar em retorno, então, é apenas uma porção ainda menor desse pequeno jorro. Eu poderia feliz e proveitosamente assentar-me e passar o resto de minha vida somente com Calvino”. Karl Barth, *in* George, Timothy. Teologia dos Reformadores. 2000, p. 163.

³ Leonardo Boff, 1938, Concórdia, SC, por mais de 20 anos professor de Teologia com os franciscanos em Petrópolis, professor emérito de ética e filosofia da UERJ, pensador e escritor na área da Teologia da Libertação.

⁴ Movimento teológico iniciado por Protestantes, mas que tem como expoentes, na atualidade, católicos. Sua proposta é a difusão do evangelho voltado para o âmbito social. Para estes teólogos, a proposta de Jesus é, acima de tudo, trabalhar a sociedade, enfatizando conquista da libertação para o pobre, marginalizado e oprimido.

No entanto, como afirmou Boff no prefácio de sua obra sobre este tema, apesar de ser fundamental “respeitar sempre o inefável divino onde mais cabe o silêncio e o louvor que a palavra e a razão”⁵, deve-se afirmar como ele o fez:

Diante do augusto mistério da comunhão trinitária devemos calar. Mas calamos somente no fim do esforço de falarmos o mais adequadamente possível daquela realidade para a qual não há nenhuma palavra adequada. Calamos no fim e não no começo. Só no fim o silêncio é digno e santo. No começo, seria preguiçoso e irreverente. As palavras morrem nos lábios. Os pensamentos se obscurecem na mente. Mas o louvor incendeia o coração e a adoração faz dobrar os joelhos.⁶

A incapacidade de exaurir o conhecimento a respeito de um assunto não pode ser obstáculo para que o mesmo seja objeto de estudo. Ainda mais quando se trata de uma área que tem como ponto de partida a revelação divina. Tudo o que se sabe, na teologia, se sabe até o ponto que foi, por Deus, revelado. É por esta razão que, nos erros e acertos, pensadores têm deixado como legado preciosas considerações que certamente contribuem para posterior desenvolvimento ou para melhor compreensão de uma verdade.

Tendo em vista tais considerações, é possível, agora, passar a considerar o pensamento destes dois teólogos que, de alguma forma, contribuíram para melhor compreensão da misteriosa, porém gloriosa, Santíssima Trindade.

1. LEONARDO BOFF E A SANTÍSSIMA TRINDADE

1.1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Discorrendo acerca da santíssima Trindade, Leonardo Boff destaca, antes de abordar propriamente o assunto, que “na raiz de toda doutrina religiosa está o encontro com o Mistério divino”⁷. Ou seja, antes de haver o trabalho de apropriação e tradução das verdades extraídas da Bíblia, que originam as doutrinas e os credos, há o louvor, a expressão de gozo e aclamação.

De acordo com suas palavras,

⁵ Boff, Leonardo. A Trindade e a Sociedade, 1999, contracapa.

⁶ Boff, Ibidem, 1999, p 19

⁷ Boff, op. cit, 1999, p.11.

A doutrina trinitária do cristianismo conheceu semelhante percurso. Em primeiro lugar ocorreu a experiência-fonte; os primeiros discípulos conviveram com Jesus, observaram como rezava, como falava com Deus, como pregava, como tratava as pessoas, particularmente os pobres, como enfrentou os conflitos, como sofreu e morreu e como ressuscitou; observavam também o que ocorria na comunidade que creu nele, especialmente a partir do Pentecostes. Proclamavam com alegria em suas orações e com simplicidade em suas pregações o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Sem quererem multiplicar a divindade, pois vinham todos do judaísmo, para o qual o monoteísmo é um dogma estrito, chamavam cada um deles de Deus. Mais tarde, os cristãos começaram a pensar esta experiência e a traduzir numa fórmula esta proclamação. Surgiu então a doutrina trinitária expressa claramente assim: Um Deus em três pessoas ou uma natureza e três Hipóstases ou três Amantes e um só amor ou três Sujeitos e uma única substância, ou três Únicos e uma só comunhão.⁸

Isto significa que diante da tentativa de explicar o que se havia experienciado, os discípulos de Cristo formularam, ao longo dos séculos, doutrinas, dentre as quais está a da Trindade.

Alguns concílios, segundo o autor, foram importantes na formulação desta Doutrina. O símbolo de Nicéia (325) “Cremos em um só Deus pai onipotente... e em um só Senhor Jesus Cristo Filho de Deus... e no Espírito”⁹; o símbolo niceno-constantinopolitano (381) “Cremos em um só Deus, Pai todo-poderoso... e em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus... e no Espírito Santo”¹⁰; O símbolo “Quicumque”¹¹ ou pseudo-atanasiano (430-500) “Há, conseqüentemente, um só Pai, não três pais; um só Filho, não três filhos; Um só Espírito, não três Espíritos”¹²; o símbolo do concílio de Toledo (400) “Existe também o Espírito Paráclito, que não é nem o Pai nem o Filho, senão que procede do Pai e do Filho”¹³ e o de Florença (1431-

⁸ Boff, *ibidem*, 1999, p.11

⁹ Boff, *ibidem*, 1999, p. 89

¹⁰ Boff, *ibidem*, p. 90.

¹¹ O Nome Quicumbe se dá ao fato de este credo começar, em latim, com esta palavra. Este símbolo foi composto por um autor anônimo entre 430-500 no sul da França. Ele ganhou uma autoridade enorme a ponto de ser equiparado com o Niceno-Constantinopolitano e ter sido assimilado na liturgia.

¹² Boff, *ibidem*, 1999, p. 93.

¹³ Boff, *ibidem*, 1999, p. 93.

1447) “O Espírito santo procede eternamente do Pai e do Filho”¹⁴, o IV Concílio de Latrão (1215) “Cremos firmemente e confessamos com simplicidade que é um só o verdadeiro Deus,... Pai, Filho e Espírito Santo. Três pessoas realmente e uma só essência”¹⁵, dentre outros.

Com base nas formulações destes concílios, segundo Leonardo Boff, a doutrina da Trindade foi sistematizada e clarificada, diante do mistério que compreende. Eles deram luz a esta verdade, tornando-a compreensível, dentro das possibilidades, aos homens e desvendando, ainda que paulatina e em pequena medida, quando comparada com a grandeza deste mistério.

1.2. A DOCTRINA DA TRINDADE: DA TRINDADE DAS PESSOAS À UNIDADE DA NATUREZA-COMUNHÃO

Tendo considerado alguns pressupostos concernentes à natureza trinitária, cabe ressaltar outro aspecto desta doutrina, de caráter importante no pensamento deste teólogo. Em sua compreensão da verdade trinitária, Boff parte da experiência específica da fé cristã que, primeiramente, afirma a trindade. Isto significa que é irrefutável, para ele, a existência de Pai, Filho e Espírito Santo.

Contudo, conforme ele afirma “não basta afirmar que existem três pessoas”¹⁶. Afirmar tão somente a existência de três pessoas poderia resultar na existência de três deuses, o que seria triteísmo, incompatível com a fé cristã.

É importante, para se evitar o triteísmo, sustentar o fato de que cada pessoa da Trindade, segundo Boff, está plena e totalmente na outra. A tradição, particularmente os teólogos capadócijs, e S. João Damasceno insistiram na total pericórese trinitária. Esta [pericórese trinitária] consiste na “íntima e perfeita inabitação de uma pessoa na outra”.¹⁷

Conforme afirmou o Concílio de Florença (1442), Leonardo Boff entende que, “O Pai está todo no Filho e todo no Espírito Santo; o Filho está todo no Pai e todo no

¹⁴ Boff, *ibidem*, 1999, p. 95.

¹⁵ Boff, *ibidem*, 1999, p. 98.

¹⁶ Boff, *ibidem*, 1999, p. 109.

¹⁷ S. João damasceno, *De fide orthodoxa*, I,8; p.94, 828-829, *In*: Boff, *ibidem*, 1999, p. 110.

Espírito Santo; o Espírito Santo está todo no Pai e todo no Filho; ninguém procede ao outro em eternidade ou o excede em grandeza ou o sobrepuja em poder”.¹⁸

Algo importante Leonardo Boff destaca ao falar da unidade das pessoas da Trindade. Diz ele que “não devemos imaginar que as três divinas pessoas são como que três indivíduos que, posteriormente, se relacionam em comunhão e se unem”¹⁹. Por que, então, afirmar que as pessoas são distintas? Sendo a principal característica delas, segundo argumenta Boff, a unidade promovida pela comunhão das partes, porque três pessoas e não uma somente? O teólogo responde a esta indagação alegando que a distinção é fundamental porque as pessoas são distintas para se unir e se unem, não para se confundir, mas para uma conter a outra.

Ou seja, a distinção na Trindade é apenas para possibilitar a comunhão. “A Trindade das pessoas, unidas pela distinção e distintas pela união, designa uma diferença que não se opõe, mas se põe, pondo as outras”²⁰.

Conquanto três pessoas, uma só natureza; Conquanto diferença, igualdade; Conquanto divisão; união. A comunhão, segundo Boff, é a palavra chave para a compreensão do mistério que se esconde por detrás da doutrina da Santíssima Trindade.

1.3. A TRINDADE COMO MISTÉRIO DE INCLUSÃO

Ao analisar o mistério da Trindade, o autor parte do princípio de que somente sendo assim (Deus Triuno) pode-se entendê-la como mistério de inclusão. E para explicar tal proposição, ele confronta a tese trinitária com o monoteísmo e com o politeísmo²¹.

No monoteísmo nos defrontamos com a solidão do Uno. Por mais rico e pleno de vida, inteligência e amor que ele seja, não terá alguém ao lado dele. Ele estará eternamente só. Todos os demais seres lhe serão subalternos e dependentes. Se comunhão houver, ela será sempre desigual.

¹⁸ Concílio de Florença (1442) *in* Boff, *ibidem*, 1999, p.110.

¹⁹ Boff, *ibidem*, 1999, p. 110.

²⁰ Tratado do Espírito Santo 18: Sources Chrétiennes 17, Paris 1945, 190s. *in*: Boff, *ibidem*, 1999, p. 108.

²¹ Para falar da existência de três pessoas no ser divino, Leonardo Boff acha por bem compara-la ao monoteísmo e ao politeísmo. No entanto, quando ele compara a Trindade com o monoteísmo, de certa forma, ele está afirmando que a crença na Trindade é diferente da crença em um só Deus. Em outras porções do livro o autor mostra que crê na existência de um só Deus. Neste ponto da obra, no entanto, suas palavras são usadas de modo que possam levar o leitor ao erro.

No politeísmo, na compreensão comum, temos a ver com a pluralidade de divindades, com hierarquias e diferenças de natureza, benéfica ou maléfica. Esvai-se a unidade divina.²²

Diante destas considerações, Boff chega a uma conclusão que começa a esboçar seu pensamento a respeito da Trindade. E isto ele faz quando afirma que

Se Deus fosse um só haveria a solidão e a concentração na unidade e unicidade. Se Deus fosse dois, uma díade (Pai e Filho somente), haveria a separação (um é distinto do outro) e a exclusão (um não é o outro). Mas Deus é três, uma Trindade. O três evita a solidão, supera a separação e ultrapassa a exclusão. A Trindade permite a identidade (o Pai), a diferença de identidade (o Filho) e a diferença da diferença (o Espírito Santo). A Trindade impede um frente-a-frente do Pai e do Filho, numa contemplação “narcisista”. A terceira figura é o diferente, o aberto a comunhão. A Trindade é inclusiva, pois une o que separava e excluía (Pai e Filho). O uno e o múltiplo, a unidade e a diversidade se encontram na Trindade como que circunscritos e reunidos. O três aqui significa menos o número matemático do que a afirmação de que sob o nome de Deus se verificam diferenças que não se excluem, mas incluem; que não se opõem, más se põem em comunhão; a distinção é para a união. Por ser uma realidade aberta, esse Deus trino inclui também outras diferenças; assim o universo criado entra na comunhão divina.²³

Visto que Trindade expressa inclusão, Leonardo Boff afirma que tal inclusão e que a unidade das pessoas residem na comunhão²⁴ entre os divinos Três. Comunhão, diz o autor, significa comum-união (*communio*). E isto é algo que pode haver somente entre pessoas, uma vez que elas se abrem intrinsecamente umas às outras. “Pai, Filho e Espírito Santo vivem em comunidade por causa da comunhão”²⁵, conclui o autor.

O Pai, O Filho e o Santo Espírito, vivendo em perfeita harmonia, definem a essência da Trindade. “A interpenetração permanente, a correlacionalidade eterna, a

²² Boff, op cit, 1999, p. 13

²³ Boff, Ibidem, 1999, pp. 13-14.

²⁴ Esta palavra “comunhão” é de fundamental importância para compreender o pensamento de Boff à respeito da Trindade, tanto em suas relações internas, quanto nas relações com os seres humanos.

²⁵ Boff, ibidem, 1999, p. 15

auto-entrega das Pessoas umas às outras constitui a união trinitária, a união das Pessoas”²⁶.

Outro aspecto importante no pensamento deste teólogo concernente à Trindade como mistério de inclusão é o fato de esta comunhão trinitária se abrir “para fora”. Ou seja, a comunhão trinitária não existe em uma dimensão tão somente interna. Visto que o aspecto mais importante da Trindade, para o autor, é a comunhão, seria incompleto se tal comunhão fosse desenvolvida apenas internamente.

É por esta razão que Leonardo Boff afirma que “esta comunhão convida as criaturas humanas e o universo a se inserir na vida divina”.²⁷ Falar de Trindade, para ele, é falar de comum união. Consiste em enxergar a possibilidade de coexistência da pluralidade no único, da diferença na igualdade.

Comunhão e inclusão são, portanto, palavras-chave para se compreender, na perspectiva deste teólogo, o mistério da Santíssima Trindade. Tanto no que diz respeito à perspectiva interna, quanto à externa. E é esta última perspectiva que, doravante, este trabalho se propõe a estudar para compreender melhor este mistério divino.

1.4. A TRINDADE E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA HUMANA

Visto ser a Trindade composta por pessoas e considerando o fato de que é inerente a uma pessoa o relacionar-se, Leonardo Boff argumenta, como supra mencionado, que as relações desenvolvidas pelas pessoas que a compõem se dão também nas dimensões externas ao seu ser. “Esta união-comunhão-pericórese se abre para fora... ‘que todos estejam em nós... a fim de que sejam uma coisa só como nós somos uma coisa só’ (Jo 17.21-22)”.²⁸

Esta compreensão do mistério da Trindade é de extrema importância, segundo Boff, para se compreender a fé em contextos de opressão e desejos de libertação. Considerando que o homem foi criado por Deus à sua imagem e semelhança, seu modelo de vida comunitária, em todas as suas dimensões, será a santíssima Trindade. Daí, então, a grande influência exercida por esta na humanidade. Para mostrar tal importância, o autor destaca que:

²⁶ Boff, *ibidem*, 1999, p. 15.

²⁷ Boff, *ibidem*, 1999, p.16.

²⁸ Boff, *ibidem*, 1999, p.16.

Os oprimidos lutam por participação em todos os níveis da vida, por uma convivência justa e igualitária no respeito pelas diferenças de cada pessoa e grupo... Para os que têm fé, a comunhão trinitária entre os divinos três, a união entre eles no amor e na interpenetração vital lhes pode servir de fonte inspiradora e de utopia, geradora de modelos cada vez mais integradores das diferenças. Esta é uma das razões por que este caminho da pericórese trinitária será assumido como eixo estruturador de nossa reflexão... A comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo significa o protótipo da comunidade humana sonhada pelos que querem melhorar a sociedade e assim construí-la para que seja à imagem e semelhança da Trindade.²⁹

A Trindade atua como modelo para libertação e reconstrução de uma nova sociedade. Pelo fato de ser ela uma comunhão perfeita, a maneira como as pessoas que a integram se relacionam se dá de modo igualmente perfeito. Assim, nada mais correto, para se promover relações mais saudáveis entre os homens, do que espelhar-se nas relações trinitárias.

O homem, sobretudo o que vive em países de terceiro mundo,³⁰ está sob o estigma da dependência. O modelo econômico vigente tem acentuado a definição de dois grupos distintos e desiguais: uma minoria detentora do poder e opressora de um lado, e uma maioria sobre a qual o poder é exercido opressoramente, do outro.

A libertação que os defensores desta corrente teológica procuram desfrutar consiste na participação de todos nos distintos níveis da vida social, na promoção da dignidade humana, na criação de oportunidades de desenvolvimento para todos e no desfrutar de uma relação de comunhão com Deus.

Uma sociedade assim só é possível mediante o conhecimento da comunhão trinitária. E isto por uma simples razão. Conforme afirma Boff,

Ninguém (nem a pessoa nem a sociedade) subsiste sem uma referência para cima e sem a memória de sua origem (o Pai); da mesma forma ninguém (pessoal e socialmente) vive sem alimentar relações para os lados e sem cultivar a fraternidade (o Filho); finalmente, não há pessoa nem sociedade que possam se estruturar

²⁹ Boff, *ibidem*, 1999, p. 17.

³⁰ São estes os países nos quais a Teologia da Libertação encontra seu lugar de atuação.

sem respeitar a dimensão pessoal e ser animar a interioridade humana (o Espírito Santo), onde se elabora a criatividade e se projetam as utopias transformadoras da história.³¹

Por isso, conclui o autor, a comunhão é a primeira e a última palavra do mistério trinitário. Traduzindo socialmente esta verdade de fé pode-se dizer como já foi feito: “A Trindade é o nosso verdadeiro programa social”.³²

2. JOÃO CALVINO E A SANTÍSSIMA TRINDADE

2.1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Cabe ressaltar, antes de se iniciarem as considerações do pensamento deste grande teólogo, que João Calvino teve, na sistematização de seu pensamento, considerável influência de Agostinho, brilhante teólogo do quarto século (354-430),³³ tendo por ele apreço e consideração, como podem ser percebidos nas seguintes palavras:

À explicação desta matéria, vota-se o quinto livro inteiro da obra DA TRINDADE, de Agostinho. Muito mais seguro é, em verdade, deter-nos nesta relação que Agostinho estabelece, que, em mais sutilmente penetrando no sublimado mistério, divagarmos erráticos por muitas especulações efêmeras.³⁴

Tendo sido levantado como pensador em meio a um cenário onde os grandes problemas enfrentados pela Igreja não eram os relacionados diretamente à doutrina da Trindade, João Calvino, assim como visto nas pressuposições de Leonardo Boff, subscrevia as decisões conciliares clássicas, bem como o pensamento de muitos pais da Igreja no entendimento das verdades concernentes a esta doutrina.

Citando Irineu (130-200), por exemplo, Calvino mostra que, para este apologista, “O Deus que apareceu outrora aos patriarcas não foi outro que Cristo.

³¹ Boff, *ibidem*, 1999, p. 28.

³² Boff, *ibidem*, 1999, p. 29.

³³ “O protestantismo e o Catolicismo Romano tributam honra à contribuição de Agostinho à causa do cristianismo.” Earl Cairns, 1995, p.118.

³⁴ Calvino, *op cit.* 1985 I: 13:20

Todavia, se alguém objeta haver sido o Pai, terá de pronto a resposta: enquanto propugnamos pela divindade do Filho, de modo nenhum excluimos o Pai”.³⁵

Acerca de Tertuliano, diz: “Pois contende contra Práxeas que, Embora Deus se distinga em três pessoas, entretanto, não resulta uma pluralidade de deuses, nem lhe é cindida a unidade”.³⁶

E, sem dúvida, resume ele,

Quem quer entre si diligentemente comparar os escritos dos antigos, em Irineu não achará outra coisa que aquilo que há sido transmitido pelos outros que, desde esse tempo, o hão seguido. Justino Mártir é um dentre os mais antigos e em tudo nos abona. Objetem que, tanto por ele quanto pelos demais, é o Pai de Cristo chamado o Deus único e uno. Hilário, também, ensina o mesmo, a te fala mais incisivamente: que a eternidade está no Pai. É-o, porventura, para detrair ao Filho a essência de Deus? Com efeito, à defesa desta fé que seguimos todo se vota. Contudo, nem se pejam em coligir não sei que de mutiladas expressões suas, à base das quais persuadam que Hilário lhes é patrono do erro.³⁷

Tais palavras do reformador de genebra mostram como seu pensamento foi influenciado pelo testemunho patrístico em geral, bem como pelos concílios ecumênicos que abordaram esta questão.

2.2. A DOCTRINA DA TRINDADE: O CONCEITO BÁSICO DO DEUS TRINO

Diferente de Leonardo Boff, João Calvino desenvolveu seu pensamento sobre a doutrina da Trindade partindo de pressupostos que não os sociais. Sua percepção acerca das verdades apresentadas nas Escrituras não tinha, necessariamente, que culminar na causa dos oprimidos e dos pobres, como é o caso do teólogo católico. A principal preocupação do reformador francês, na compreensão desta doutrina, era ressaltar a verdade de que Pai, Filho e Espírito são um único e indivisível Deus. Conforme afirma

³⁵ Calvino, *ibidem*. 1985 I: 13:27.

³⁶ Calvino, *ibidem*. 1985 I: 13:28

³⁷ Calvino, *op cit*. 1985 I: 13:29

Gary Crampton, “O Deus das Escrituras, afirma o reformador, é monoteístico e trinitário. Ele é um em essência, conquanto seja três em pessoas”.³⁸

Em sua concepção, não se pode pensar na existência de um único ser divino sem contemplar a beleza da tríade, assim como não é possível enxergar biblicamente os três divinos sem atentar para o um que os compreende. Nas Institutas, Calvino, a respeito deste assunto, afirma:

Portanto, aqueles cujo coração tiver sobriedade e que se houverem de contentar com a medida da fé, recebam, em poucas e breves palavras, o que é útil de conhecer-se, isto é, quando professamos crer em um só e único Deus, pelo termo Deus entende-se uma essência única e simples, em que compreendemos três pessoas ou hipóstases e, daí, quantas vezes se menciona o nome de Deus sem especificação, designam-se não menos o Filho e o Espírito do que o Pai; quando, porém, o Filho é associado ao pai, então se interpõe a relação e, dessarte, fazemos distinção entre as pessoas. Mas, uma vez que as propriedades específicas implicam de si uma gradação nas pessoas, de sorte que no Pai estejam o princípio e a origem, quantas vezes se faz menção, simultaneamente, do Pai e do Filho, ou do Espírito, ao Pai se atribui, de modo peculiar, o termo Deus. Deste modo, retém-se a unidade de essência e tem-se em conta a ordem de gradação, que, entretanto, nada detrai da divindade do Filho e do Espírito Santo.³⁹

No catecismo de Genebra, Calvino uma vez mais mostra a excelência da doutrina como ela se revela, da seguinte forma:

Mestre: Já que não há Deus, senão um, porque, aqui, você menciona três: o Pai, o Filho e o Espírito Santo?

Aluno: Porque na única essência de Deus, podemos ver Deus o Pai, como o começo, a origem e a primeira causa de todas as coisas; depois o Filho, que é sua eterna sabedoria; e, finalmente, o Espírito Santo, como seu poder sobre todas as coisas, mas ainda residente Nele mesmo.

Mestre: Isto significa, então, que não é absurdo sustentar que estas três pessoas estão em um único Deus e que este, por isso, não se divide?

³⁸ Crampton, What Calvin says. 1992, p.34 *Tradução minha*

³⁹ Calvino, op cit. 1985, I: 13:20.

Aluno: Exatamente isto.⁴⁰

Tais palavras mostram como o pensador do século dezesseis destacava a centralidade destas verdades na compreensão desta doutrina. Não há, para ele, a menor possibilidade de se pensar no ser de Deus sem considerar a existência destas três pessoas que, sendo uma em substância, essência, natureza e poder, subsistem em Pai, Filho e Espírito.

2.3. TRÊS PESSOAS: DISTINÇÃO, NÃO DIVISÃO.

Outro aspecto importante de ser apresentado no pensamento de João Calvino, a fim de alcançar o objetivo deste trabalho, é o destaque que o pensador dá ao fato de que serem as pessoas da Trindade distintas umas das outras não significa que há, entre elas, divisão.

Citando Gregório Nazianzeno, o reformador afirma: “não posso pensar do um e único, sem que seja de pronto envolvido pelo fulgor dos três, nem posso distinguir os três sem que seja de imediato recambiado ao um e único”.⁴¹ A distinção existente nas pessoas da Trindade se dá para que as pessoas sejam identificadas em suas funções.

Entretanto, não convém passar em silêncio a distinção que observamos expressa nas Escrituras, e esta é que ao Pai se atribui o princípio de ação, a fonte e manancial de todas as coisas; ao Filho a sabedoria, o conselho e a própria dispensação na operação das coisas; mas ao Espírito se assinala o poder e a eficácia da ação.⁴²

Visto serem pessoas, as distinções, claramente perceptíveis nas Escrituras,⁴³ são fundamentais. A economia trinitária expressa a beleza das distintas funções realizadas pelas diferentes pessoas da divindade. Esta distinção, porém, nunca se dá para mostrar a divisão entre elas, visto que há, na Trindade, santa comunhão e unicidade.

O Pai está todo no Filho, o Filho todo no Pai, como ele próprio também o declara... Portanto, quando falamos simplesmente do Filho, à parte de sua relação com o Pai, bem e propriamente O

⁴⁰ Crampton, op cit, 1992, p. 35. *Tradução minha*

⁴¹ Calvino, op cit. 1985 I: 13:16

⁴² Calvino, ibidem. 1985 I: 13:18

⁴³ Vide exemplo do batismo de Jesus, em Mt 3. 13-17, onde as três pessoas estão presentes, cada uma, porém, desempenhando uma função específica.

asseveram proceder de Si Mesmo e, por isso, O chamamos de princípio único. Quando, porém, consideramos a relação que Ele tem com o Pai, com razão fazemos o Pai o princípio do Filho.⁴⁴

Diante destas palavras, bem como das considerações feitas por Calvino acerca da Trindade ao longo de seus escritos, percebe-se que o reformador busca, sempre, ressaltar a distinção existente entre o Pai, o Filho e o Espírito. Isto, pelo simples fato de que é exatamente a distinção que marcará a existência de três pessoas. No entanto, na cuidadosa apresentação da distinção, o reformador faz, em toda sua obra, questão que frisar a impossibilidade de se separar o que é inseparável. A saber, a essência única do verdadeiro Deus.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS TEÓLOGOS

Diante das breves exposições acerca do pensamento destes dois teólogos, podem-se perceber algumas semelhanças bem como distinções em suas concepções da doutrina da Trindade.

Tanto Calvino quanto Boff partem do princípio de que em Deus subsistem três pessoas e uma única essência. Para ambos, o Pai, o Filho e o Espírito são igualmente Deus, sendo formados da mesma natureza, possuidores de uma única essência, de igual poder, não tendo nenhum deles existido antes dos demais, mas sendo todos eternos e perfeitos.

Além disso, ambos os teólogos apontam a importância da distinção existente nas pessoas do ser divino. Conquanto pertençam à mesma natureza, o Filho, no pensamento dos dois, não é o Pai, que, por sua vez, não é o Espírito. Cada um, sendo distintos, possui sua função e a desempenha com excelência.

Relacionado a este aspecto, porém, pode ser percebida uma diferença no pensamento destes teólogos a respeito da santíssima Trindade. Quando fala sobre a distinção das pessoas, Leonardo Boff destaca que tal distinção se dá, também, para que se perceba a principal característica da Trindade: a comunhão.

Boff reduz a revelação bíblica, ainda que misteriosa, da Trindade a um modelo de relacionamento e, acima de tudo, de libertação social. Visto que o desenvolvimento

⁴⁴ Calvino, op cit. 1985 I: 13:18

da vida se dá nas relações, e considerando que a Trindade, em sua essência, é um ser relacional, Boff aponta como principal função e característica do Deus Triúno servir de modelo para relações verdadeiras e livres da opressão a qual muitos são e foram, em todas as épocas, submetidos.

Como já mencionado neste trabalho, Boff ressalta que “a comunhão é a primeira e última palavra do mistério trinitário... Ela é o nosso verdadeiro programa social”.⁴⁵ Conquanto seja verdade que a Trindade, sendo ela o único sistema relacional que funciona em harmoniosa perfeição, deva ser modelo para as relações sociais desenvolvidas pelos homens, não se pode desconsiderar que sua existência não pode ser reduzida a tal papel, visto que ela não existe para o homem, mas este por causa dela.

Ademais, em sua tentativa de encaixar a Trindade como paradigma para a libertação social, Boff romantiza a necessidade do número três nesta comunhão divina. E isto ele faz quando afirma:

Mas Deus é três, uma Trindade. O três evita a solidão, supera a separação e ultrapassa a exclusão... A Trindade impede um frente a frente do Pai e do Filho, numa contemplação narcisista. A terceira figura é o diferente, o aberto, a comunhão. A Trindade é inclusiva, pois une o que separava e excluía.⁴⁶

Este trecho do livro de Boff, outrora mencionado neste trabalho, mostra seu romantismo para com a tentativa de compreender a misteriosa verdade ocultada em parte acerca do ser divino. No entanto, em seu propósito de mostrar a importância da comunhão, por exemplo, Boff faz afirmações que não guardam relação com as verdades escriturísticas.

É bem verdade que a Bíblia afirma a existência de três pessoas no ser de Deus. Isto, no entanto, biblicamente, não pode ser explicado pelo fato de que, existindo dois, estes estariam expostos a um conflito narcísico, como se a existência de três pessoas fosse a razão pela qual a comunhão se estabelece, e não o fato de Deus, em seu Ser, ser perfeito em todos os seus atributos, refletindo-se isto em suas relações.

João Calvino, diferente de Leonardo Boff, a despeito de saber e ressaltar o fato de que ao falar acerca da Trindade está a discorrer sobre um mistério, baseia seu pensamento, do início ao fim, sobre as revelações escriturísticas. As necessidades

⁴⁵ Boff, Op cit, 1999 p.29

⁴⁶ Boff, Op cit, 1999 p.13

sociais, que também eram as mesmas (opressão, desigualdade), não foram capazes de levá-lo a substituir sua base doutrinária, a saber, as Escrituras Sagradas. Se Boff procurou compreender a Trindade, também, pelo prisma das necessidades sociais, Calvino caminhou por outra via. As necessidades sociais de seus dias foram compreendidas à luz do que a Bíblia falava acerca do Deus.

Nada é mais importante do que conhecer as verdades de Deus partindo da revelação que Ele mesmo faz acerca de sua pessoa. Por esta razão, a grande diferença entre estes pensadores acerca do mistério trinitário é que, conforme afirma McGrath, para Calvino “a doutrina da Trindade é tratada como uma doutrina bíblica que se baseia na revelação especial, em vez de uma percepção que pode ser alcançada por meio da revelação geral ou da natureza”.

Boff limitou a verdade revelada acerca deste mistério quando destacou a supremacia deste aspecto social nesta doutrina e quando, para isto, fundamentou seus argumentos, em especulações românticas, distanciando-se, assim, da revelação contida nas Sagradas Escrituras acerca desta verdade.

Cabe, por fim, destacar que, conquanto não tenham sido exaustivos na explanação deste assunto, ambos, parafraseando o teólogo católico estudado, são dignos de louvor, pois, sabendo da dificuldade e do mistério que permeia o ser de Deus, não desistiram suas peregrinações em busca destas verdades no começo. Calaram-se no fim, deixando, com isso, importantes contribuições para a compreensão desta verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BÍBLIA. **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BOFF, Leonardo. **A Trindade e a Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAIRNS, Earl. **O Cristianismo Através dos Séculos: Uma história da Igreja Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

CALVINO, João. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã** vol 1. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

CRAMPTON, W. Gary. **What Calvin Says: An Introduction to the Theology of John Calvin**. Maryland: The Trinity Foundation, 1992.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

GONZALES, Justo. **Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MCGRATH, Alister. **A Vida de João Calvino**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.